

## **Introdução: do que estamos falando**

É impossível fazer uma boa reportagem – seja ela policial, de economia, um relato de guerra ou um serviço informando o que abre e o que fecha no feriado – tendo feito entrevistas ruins: boas entrevistas sempre rendem boas reportagens. O mesmo princípio vale para entrevistas ruins: é inevitável que acabem em reportagens igualmente ruins.

Boas entrevistas para jornal, no entanto, são diferentes de boas entrevistas para televisão. Da mesma forma que entrevistas “em pé” não têm nada a ver com entrevistadas “sentadas” – abordar o presidente da República na saída de um evento, por exemplo, ao lado de um batalhão de colegas, requer perguntas, táticas e postura bem diferentes das exigidas em uma conversa agendada no Palácio do Planalto.

Uma entrevista também pode tomar rumos muito diferentes dependendo das razões que levaram o entrevistador a procurar o

entrevistado. Se o segundo é um especialista em uma doença, digamos, ou no estudo de um determinado fenômeno social, e esse é o motivo da conversa, a tarefa do repórter será a de tentar extrair dele análises, números, estudos, exemplos de casos – ou seja, informação. Se, ao contrário, o entrevistado é um escritor, diretor de cinema ou qualquer um que possa despertar a curiosidade do leitor por sua obra ou gênio, as questões – e a maneira de abordá-las – serão outras. Aqui, a tarefa do repórter não é mais a de extrair informação, mas, sobretudo, a de mostrar quem é o entrevistado e o que ele pensa.

O jornalista Nilson Lage, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, em seu livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, classifica a entrevista, do ponto de vista do objetivo, em quatro categorias: “ritual” (brevíssima, feita “em pé” e que, embora possa resultar em declarações surpreendentes, quase sempre não passa de mera formalidade), “temática” (em que o entrevistado fala sobre um assunto que, supostamente, domina), “testemunhal” (quando ele discorre sobre algo de que participou ou assistiu) e “em profundidade” (aquela em que o foco está na figura do entrevistado, na atividade que desenvolve ou na sua personalidade). É uma divisão clássica e, em certa medida, bem resolvida. Aqui, preferi simplificar e dividir a entrevista em apenas duas categorias: a de informação – que pode ser breve, longa, testemunhal ou temática – e a de perfil – aquela em que se procura, por meio de perguntas e respostas, mostrar quem é o entrevistado. Reuni a minha experiência na profissão, quase toda baseada no jornalismo impresso, as palestras que tenho dado sobre o tema desde 2003, e a generosa contribuição de 11 jornalistas talentosos para descrever os encantos, segredos e ciladas daquilo que é a base da reportagem e, na minha opinião, seu momento mais prazeroso.